

Polêmica quanto a estímulos para combater a crise

Ricardo Rego Monteiro

A banca trombou com a indústria no primeiro dia de debates da edição latino-americana do World Economic Forum (WEF). Dois dos principais representantes dos setores financeiro e industrial brasileiro protagonizaram ontem um dos mais apimentados debates de um evento morno, marcado pela certeza de que o Brasil vai muito bem, obrigado. Enquanto o presidente do conselho do Itaú-Unibanco, Pedro Moreira Salles, advertiu para os riscos de recrudescimento da inflação nos próximos quatro anos, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, contestou, ao afirmar que o maior desafio do Brasil é gerar emprego, por meio de uma política de expansão do crédito com juros mais baixos.

Durante o painel "Respostas para as incertezas da economia global", Salles advertiu - sem especificar o Brasil - para o risco de recrudescimento da inflação a longo prazo no mundo, como consequência das medidas de estímulo fiscal promovidas pelos governos como estratégia de combate à crise. Por isso, o executivo do Itaú-Unibanco disse identificar uma tendência de reversão da trajetória de queda das taxas de juros a médio prazo, com o aumento do custo do crédito.

"Eu acho que há um medo da inflação no mundo inteiro, mas não a curto prazo. Acredito que há preocupações com o volume de gastos que tem ocorrido globalmente. E algumas pessoas diriam que talvez, daqui a dois, três, quatro anos, isso retorne na forma de inflação. Essa é uma questão com a qual os governos devem se preocupar. Há uma tendência, a médio prazo, de que as taxas de juros tenham que subir novamente para, através de políticas monetárias, tentar evitar esse resultado das políticas fiscais que estão sendo adotadas" afirmou Moreira Salles.

Política fiscal

Logo no início da intervenção, Skaf não só fez questão de assumir a defesa da estratégia de política fiscal anticíclica, como também aproveitou para criticar os spreads bancários e o atual patamar da taxa básica de juros (Selic). O empresário afirmou que, atualmente, os spreads respondem por 30% a 40% do custo de capital de giro das empresas. Na avaliação de Skaf, a Selic - hoje em 11,25% ao ano - já poderia estar na casa dos 7% ao ano.

"Nosso problema não é a inflação, mas o desemprego", contestou Skaf, ao completar. "Se ficarmos com medo da inflação, vamos nos preocupar com o problema errado. Não podemos gastar energia com a preocupação errada. O que precisamos é de crédito e juros reais mais baixos. Já poderíamos ter uma Selic de 7% ao ano no Brasil. Não creio que a inflação seja problema."

O executivo também cobrou do governo medidas de estímulo ao crédito para o setor produtivo, que permitam injetar liquidez principalmente para micro, pequenos e médios empre-sários. Tais recursos, reclamou, encontram-se represados pelos bancos, apesar das medidas de estímulo ao setor financeiro adotadas pelo governo ainda no ano passado.

"O governo precisa tomar medidas, e rápidas. Não adianta demonstrarmos que temos munção, como foi colocado pelo presidente do Banco Central (Henrique Meirelles)... o Banco Central tem R\$ 60 bilhões em compulsórios à vista, que não rendem nada. Se houver a liberação de parte disso, os juros baixam, os spreads bancários baixam, criticou Skaf, que defendeu juros reais de 3% ao ano.

Apesar dos alertas quanto aos riscos de um novo ciclo de inflação no mundo, Moreira Salles prevê a manutenção da atual tendência, a curto prazo, de queda da Selic. O executivo justifica na atual política do BC a austeridade necessária para evitar um repique inflacionário nos próximos dois anos. A atitude do BC, projetou Salles, deverá contribuir para o cumprimento das metas de inflação estabelecidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) para 2009 e 2010.

Emprego

"No curto prazo, esse medo da inflação não faz muito sentido. Nós estamos dentro de uma política monetária austera, que foi boa para o Brasil, ao permitir que o país alcançasse as metas que foram propostas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) para o Banco Central. Nós achamos que este ano e no próximo vamos alcançar as metas. Vamos ver uma redução das taxas de juros a curto prazo", avaliou presidente do Conselho do Itaú-Unibanco, ao projetar, também, uma tendência de valorização cambial para os próximos meses. "Quanto à questão cambial, sofreremos uma desvalorização da ordem de 50%, mas este processo já mostrou maturação nos últimos dois meses. Acreditamos que vai haver uma valorização cambial. A tendência parece que é essa.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 16 abr. 2009, Primeiro Caderno, p. A22.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais